

A RESISTÊNCIA NO PERSONAGEM JOSÉ EM HISTÓRIA DE UM PESCADOR (1876) DE INGLÊS DE SOUSARonaldo Júnior Pantoja RODRIGUES¹

Recebido: 30/9/2022

Aprovado: 30/1/2023

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar o personagem José na obra *História de um pescador* (1876) do escritor paraense Inglês de Sousa, especialmente seu papel de resistência na obra. Para tal, teremos como base o texto *Narrativa e resistência*, de Alfredo Bosi (2002), dentre outros, como o de Chauí (2017) etc. No trabalho de Bosi são apresentados parâmetros de análise de resistência dentro da literatura, exercício ao qual nos dedicaremos aqui, com foco específico no personagem José, um tapuio do Baixo Amazonas que ganha destaque na obra não somente porque é o protagonista, mas principalmente porque assume o papel de questionador e de rebelde dentro da narrativa do século XIX, figura que não era frequente até este momento na literatura amazônica.

Palavras-chave: Inglês de Sousa. Resistência. *História de um pescador*. José.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el personaje de José en la obra *História de um pescador* (1876) del escritor de Pará, Inglês de Sousa, especialmente su papel de resistencia en la obra. Para ello, nos apoyaremos en el texto *Narrativa e Resistência*, de Alfredo Bosi (2002), entre otros, como Chauí (2017), etc. En la obra de Bosi se presentan parámetros de análisis de resistencias dentro de la literatura, ejercicio al que nos dedicaremos aquí, con un enfoque específico en el personaje José, un tapuio del Bajo Amazonas que se destaca en la obra no solo por ser el protagonista, pero principalmente porque asume el rol de cuestionador y rebelde dentro de la narrativa del siglo XIX, figura poco frecuente hasta este momento en la literatura amazônica.

Palabras clave: Inglês de Sousa. Resistencia. *História de um pescador*. José.

INTRODUÇÃO

História de um pescador narra a vida de um jovem tapuio pescador, José. Filho de Anselmo Marques e Benedita, também tapuios, os três viviam em um pequeno sítio em um igarapé em Alenquer, relativamente próximo de Óbidos. Quando pequeno, José é enviado a Óbidos para estudar, contra sua vontade. Após poucos anos de permanência na escola, o garoto decide fugir da instituição assim que é informado pela sua mãe que seu pai havia falecido.

Ao encontrar o filho fora da escola após a sua fuga, a mãe de José, Benedita, agora viúva, decide levá-lo de volta para casa. O rapaz sonhava com a liberdade que viveria ao retornar ao sítio, até que recebe a informação de que seu pai, Anselmo, havia deixado uma dívida de 80 mil réis com o capitão Fabrício, um homem branco detentor de terras e escravos na região, poderoso cacaulista para quem José deveria trabalhar para pagar as pendências de seu falecido pai. Anselmo Marques

¹Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2019) e graduado em Letras – Licenciatura plena em língua espanhola pela mesma Universidade (2014). Atualmente é professor efetivo de língua espanhola do Instituto Federal do Pará e doutorando em Língua e Cultura (PPGLINC) na Universidade Federal da Bahia (ronaldo.rodrigues@ifpa.edu.br).

RODRIGUES, Ronaldo Júnior Pantoja. A resistência no personagem José em *História de um pescador* (1876) de Inglês de Sousa. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

havia trabalhado a vida inteira para Fabrício e morrido por conta de uma tempestade que lhe acometeu durante uma viagem que havia feito a Santarém a mando do capitão.

Indignado com a possibilidade da servidão que maltratou e humilhou seu pai durante toda a vida, e que pode ser apontada como a causa de sua morte, José, que havia fugido da escola porque amava sua liberdade, não permaneceria na condição de agregado de Fabrício em condições de trabalho semiescravo.

A revolta de José começa efetivamente quando Fabrício sequestra Joaquina, noiva de José, que já havia sofrido uma tentativa de abuso sexual do capitão. José, então, decide seguir um rumo diferente do que todos esperavam e aconselhavam que fosse seguido por ele. Depois da trágica morte de Benedita e do afogamento de José durante a tentativa de resgate de Joaquina, a obra culmina na ida do tapuio à propriedade de Fabrício para dar-lhe um tiro.

Veremos neste trabalho que a obra de Inglês de Sousa subverte a lógica colonial imposta pela invasão europeia, em especial a espanhola, na Amazônia do século XVI. Ainda que sob influências da época, o autor paraense consegue apresentar um protagonista tapuio, descendente direto dos indígenas, sem as mesmas características depreciativas e submissas presentes na abordagem adotada até então pelos narradores da Amazônia.

Focaremos em alguns dos aspectos muito relevantes dentro da sua obra, o protagonismo do tapuio nos romances e contos, a denúncia da situação violenta à qual estes indivíduos estavam sujeitos e a linguagem usada pelos personagens e narradores, com muitas expressões típicas da região do Baixo Amazonas. Esses elementos de ênfase regionalista que compõem a obra de Inglês de Sousa eram tendência na época de sua produção (entre 1870 a 1880, principalmente), por conta de expansão do Naturalismo/Realismo, movimento artístico proveniente da Europa que deu lugar ao pensamento romântico de produção literária.

Diante do que foi posto, será possível perceber que em *História de um pescador* os elementos sociais oriundos da mestiçagem desestabilizam os conceitos impostos pelos colonizadores durante as invasões. Além disso, José, nosso protagonista, recusa as características subalternas e degeneradas para si durante a narrativa.

HISTÓRIA DE UM PESCADOR, UM ROMANCE DE TRANSIÇÃO

A origem do Realismo no Brasil pressupõe uma série de inquietações. Ainda que autores como Massaud Moisés (2001, p. 181) argumentem que foi Aluísio Azevedo o fundador deste movimento no Brasil, segundo Coutinho (1996), o romance naturalista nacional tem como origem nas histórias

da nossa literatura os anos 1877 e 1881, que correspondem, respectivamente, à publicação de *O coronel sangrado*, de Inglês de Sousa, e de *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

Afrânio Coutinho reconhece que, cronologicamente, Inglês de Sousa arrebatou de Aluísio Azevedo o mérito da implantação do Naturalismo no Brasil, ainda que, na visão do crítico, essa precedência foi ocultada pela mediocridade da obra do autor paraense que, efetivamente, não obteve importância literária na época de sua publicação. Mesmo reconhecendo a obra de Inglês de Sousa como fundadora do Naturalismo no Brasil, o crítico finaliza afirmando que

[É] com Aluísio Azevedo, nas páginas de *O mulato*, em 1881, que verdadeiramente se inicia, como movimento e afirmação literária, o Naturalismo brasileiro. Somente em 1888, com *O missionário*, Inglês de Sousa apareceria como naturalista de intenção e feitio, que se inspirava no figurino imposto à literatura do tempo pelo criador dos Rougon-Macquart. Antes dessa data, não denota o romancista brasileiro filiação evidente, senão de modo coincidente ou acidental (COUTINHO, 1996, p. 70).

Miguel-Pereira (1973) é mais enfática: na visão da autora *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa, foi o primeiro livro realista lançado no Brasil, ainda que tenha passado despercebido. Para a autora, portanto, o título e a glória pela iniciativa literária realista no Brasil pertenciam a Inglês de Sousa, mas “tudo se passou como se este não existisse, como se Aluísio Azevedo fosse o primeiro escritor a experimentar caminhos novos” (Idem, p. 144).

Essa mesma autora reconhece que Inglês de Sousa escreveu sem os tiques e modismos que Zola e Eça de Queirós popularizariam mais adiante, porém, “*O Coronel Sangrado*, saído em 1877, quatro anos antes do *Mulato*, estava muito mais do que este, no espírito da nova escola” (Ibidem). Miguel-Pereira também reconhece que é somente em *O missionário* que Inglês de Sousa adotaria as características mais marcantes do Naturalismo, o que não significa que *O Coronel Sangrado* não tenha sido o fundador do movimento literário.

As primeiras obras de Inglês de Sousa, não obstante, como *História de um pescador* e o *Cacaulista*, ambas lançadas em 1876, antes da obra que daria início efetivo ao Realismo, *O Coronel Sangrado*, requerem um olhar diferenciado, visto que é perceptível uma articulação ainda presente nas obras com o Romantismo. Moisés (2001, p. 53) comenta que se trata de um realismo pelo verismo das cenas, pelo registro fidedigno, testemunhal, da natureza amazônica, mas não pela intenção. Portanto, na opinião do autor, estas primeiras obras de Inglês de Sousa oscilam entre o Romantismo e o Realismo.

Ao analisarmos a obra *História de um pescador*, é perceptível que o autor paraense se aproxima de uma perspectiva romântica quando apresenta o protagonista José, tapuio, que não se

sujeita à exploração imposta pelo capitão Fabrício, branco detentor de terras do Baixo Amazonas. José distancia-se dos preceitos estabelecidos pelo estilo realista e não se vê fadado a uma condição miserável e submissa determinada a sua classe desfavorecida.

Entretanto, Barreto (2003, p. 33) argumenta que Inglês de Sousa se distancia invariavelmente do estilo romântico convencional, sempre focado na Corte, com uma literatura que dá visibilidade à classe pobre e esquecida, aos tapuios dentro de um contexto ainda mais adverso, dentro da região amazônica, pouco ou quase nada comum ao ciclo literário da época.

O engajamento social, o espaço de observação que prevê o tapuio, o oprimido e explorado, dentre outros elementos da narrativa de Inglês de Sousa, o aproximam, mesmo em *História de um pescador*, ao estilo naturalista e dão sinais do que se estabeleceria como tendência na literatura nacional durante as últimas duas décadas do século XIX, ainda que, inegavelmente, ainda persistam requintes românticos na obra *História de um pescador*.

Miguel-Pereira (1973) também afirma que nas suas primeiras obras, em especial *História de um pescador*, existe uma narrativa ainda presa ao Romantismo:

O que interessa é a denúncia da escravidão do povo aos chefes locais, na longínqua Amazônia de antes do surto da borracha, cuja cultura era do cacau. Denúncia que assume por vezes um tom de panfleto descolado na ficção. Literariamente *História de um pescador* é falso, com personagens convencionais – o tapuio fala e pensa como um herói romântico – e só possui de verdadeiro justamente essa intervenção da natureza no drama humano (p. 160-161).

Consideramos, portanto, que a verdadeira passagem ao realismo/naturalismo na obra de Inglês de Sousa ocorre no romance *O coronel Sangrado*, romance publicado em 1877.

JOSÉ E A QUESTÃO DA RESISTÊNCIA

Analisaremos aqui obra de Inglês de Sousa com base, principalmente, no texto *Narrativa e resistência*, de Alfredo Bosi (1992). O crítico separa duas formas de manifestação de resistência em narrativas escritas: a) a resistência que se apresenta no tema da obra; e b) a resistência como processo imanente à escrita. Segundo o autor, a primeira abordagem teria uma forte relação com as vanguardas, que rompiam com as tradições vigentes de escrita de determinada época, capazes de apresentar obras antiburguesas, não conformistas, revolucionárias (Idem, p. 22).

Bosi (Ibidem) demonstra que os movimentos realistas e neorrealistas são grandes representantes desse tipo de resistência. Como já foi argumentado, Inglês de Sousa propõe uma ruptura com o Romantismo em suas obras, pois apresenta personagens descentralizados da burguesia.

Com isso, o autor cria uma literatura sobre as camadas mais baixas, uma literatura de combate e denúncia (ainda que em *História de um pescador* alguns aspectos românticos prevaleçam).

Entretanto, Inglês de Sousa seguia tendências estrangeiras que estavam em expansão na América Latina. Até que ponto, assim, sua literatura apresentaria uma resistência como tema, já que essa atitude pressupõe uma ruptura com as normas literárias vigentes?

A segunda abordagem de Bosi (1992) sobre resistência pode favorecer uma discussão por outros meios que considerem a questão da resistência, em especial, no que diz respeito à atividade escrita na obra do autor paraense ao representar a reação de José diante das injustiças que lhe acometem.

O autor se refere a uma resistência ética, “descrita no interior de uma esfera de significados, historicamente enraizados, no caso dentro de uma cultura de resistência política” (Ibidem, p. 22), ou seja, uma resistência que se manifeste através de personagens que exponham “a complexidade da **persona** social” distante do conformismo e das normas impostas pela ideologia dominante. O autor toma como exemplo o autor italiano Luigi Pirandello, cuja obra permite a conclusão de que

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, *em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância* e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (BOSI, 1992, 26-27, ênfase minha).

Na continuação da obra, acaba ocorrendo o que todos esperavam e temiam, como se ninguém pudesse impedir: Joaquina é raptada pelos capangas de Fabrício no meio da noite. E, após o episódio, é perceptível mais uma vez que a opressão parece ser uma condição inquestionável dentre os próprios oprimidos. O desamparo das leis e do Estado faz crer que nada pode ser feito para que o *status quo* seja alterado, e isso fica evidente na fala do tio de José, Inácio Mendes, ao comentar sobre o sequestro de Joaquina:

No tempo de hoje as coisas vão aqui pelo Amazonas que é um Deus nos acuda. *Os grandes fazem tudo o que querem porque não têm quem os impeça*. O melhor é a gente calar-se, e resignar-se ao que Deus quer, que não valem nada as resistências. O que pode um pobre pescador contra um fazendeiro rico? Chorar e nada mais. (HUP, p. 128, ênfase minha).

Entretanto, “nosso herói” (HUP, p. 133) não se convence de que deve permanecer inerte diante do sequestro de sua noiva e, contrariando todas as expectativas, decide recuperar Joaquina: “Longe de convencerem o rapaz, as palavras do velho não faziam senão acender nele o desejo da vingança”

(HUP, p. 129). Inicia-se, então, um dos momentos mais dramáticos da obra, em que José acreditava estar em um “terrível sonho”, mas ainda assim determinado a chegar até às últimas consequências (Idem).

José questiona os valores impostos pelo histórico colonial amazônico, cuja função sempre foi reduzir e depreciar a figura do indígena e, por consequência, os seus descendentes. O exemplo de José, sempre sendo colocado como um pescador muito honesto e trabalhador, desmistifica parte deste estigma, e seu discurso o desmente esses argumentos também, e mostram, além disso, que todos os atos contra os brancos, são apenas produtos de cansaço de tantos anos de exploração: “Depois digam que tapuios são maus e perversos, que têm raiva dos brancos, e não sei mais o que... eles mesmos são os primeiros que atacam. Tenho fé em Deus que isso há de acabar, e um dia...” (HUP, p. 149).

José e sua mãe vão em busca de Joantina, que está sendo levada de canoa pelos agregados de Fabrício até a fazenda do capitão, e no percurso acabam sofrendo um acidente na tentativa de salvá-la e sua canoa afunda. Sua mãe, Benedita, acaba morrendo afogada no incidente, enquanto que José desaparece nas águas do rio após ter sido atingido por um tiro dado por um dos três capangas de Fabrício, o que deixara seu peito direito cravado de chumbo.

Os agregados de Fabrício conseguem fugir com Joantina, e José, baleado e desaparecido no rio, parecia ter perdido a batalha contra os sequestradores de Joantina, pois além de conseguirem mantê-la cativa, os agregados do capitão eram de alguma forma os responsáveis pela morte de Benedita.

Ainda que o destino de Benedita tivesse sido trágico durante o embate entre os sequestradores de Joantina e José, o jovem tapuio foi encontrado, quase sem vida, pelo português Gonçalo Bastos, um produtor de cacau que morava próximo do local do incidente. Ocorre que, após cair no rio e permanecer algum tempo desorientado, José consegue tomar ar e se depara na superfície do rio com um “capinzal flutuantes” composto por diversas plantas, como as canaranas (uma espécie de planta aquática).

O narrador afirma que “balsas” como esta são geralmente muito perigosas, “porque nelas se aninham cobras e outros répteis venenosos” (HUP, p. 188). Mas, José não tinha opções, portanto se apoia no capinzal e assim consegue salvar sua vida, ainda que muito debilitado, ao ponto de desmaiar logo em seguida.

O capinzal leva José desmaiado até as terras do português Gonçalo Bastos, e ali é encontrado pelo cacaulista um dia depois do ocorrido, pela manhã, enquanto este fazia uma caminhada pelo seu terreno. Por casualidade, estava hospedado na casa do português o médico peruano Juan Benevides,

já conhecido dos moradores da região pelas frequentes viagens que fazia entre Manaus, Belém e Santarém, bem como pelas estadias na região de Alenquer. Porém, a análise do médico peruano após examinar José em estado de tanta debilidade não é otimista. Na opinião de Juan, José tem pouquíssimas chances de sobreviver.

A fazenda de Gonçalo Bastas ficava relativamente distante de onde José morava, no Retiro, portanto na propriedade do português não havia ninguém que conhecesse o tapuío. Mesmo assim, o relato diz que José foi muito bem cuidado por Gonçalo Bastos, que sempre acreditou que o jovem se recuperaria. José passou bastante tempo muito debilitado, sem conseguir andar ou sequer falar.

Diante disto, Gonçalo resolve esperar até que o tapuío estivesse efetivamente recuperado para perguntar-lhe o que havia ocorrido e de onde José provinha. É depois de alguns dias, durante um novo exame feito por Juan Benevides, após sua vinda de Alenquer, que o médico informa a Gonçalo Bastos a procedência de José e todo o contexto que envolve o aparecimento do rapaz na fazenda do português em tais condições.

Ao saber do rapto de Joanhina comandado por Fabrício e da violência que fizeram com José e sua família, o português Gonçalo questiona o médico peruano sobre a omissão da polícia diante de tal injustiça. Juan Benevides, então, descreve com muita precisão a situação de desamparo que vivem os mais pobres tapuíos como José na Amazônia daquela época diante do poder e autoridade que gozam os grandes proprietários como Fabrício:

As autoridades judiciárias nada fazem nem poderiam fazer ainda que quisessem. O juiz que se quiser incumbir de punir o assassino de José, o pescador, terá contra si não só o capitão Fabrício, poderosíssimo na política, mas até *o governo provincial, interessado em que se conservem o poder e a autoridade ao mesmo capitão*, forte agente nas eleições². Além disto este juiz não encontraria em todo o distrito de Alenquer duas testemunhas que depusessem contra o capitão Fabrício. Oh! Não é o primeiro caso destes que vejo aqui! Continuou o médico peruano com um triste sorriso nos lábios. Toso os dias acontecem coisas destas, e ninguém se queixa (HUP, p. 195, ênfase minha).

Obviamente o medo dos tapuíos é justificável, pois estamos tratando de uma condição desproporcional de forças, a partir da qual os tapuíos deduzem que um atrito social contra homens tão poderosos como Fabrício poderia ocasionar a destruição da parte subalterna, isto é, eles mesmos. Como a própria fala de Fabrício sugere durante a primeira conversa com José, o capitão teria poder para tomar as terras dos tapuíos devedores e submetê-los à miséria absoluta se lhe aprovesse. É de

² A maneira como as influências de poder se articulavam nas eleições da Amazônia oitocentista é melhor abordada em *O Coronel Sangrado* (1877). Este é o eixo temático desta obra de Inglês de Sousa. RODRIGUES, Ronaldo Júnior Pantoja. A resistência no personagem José em *História de um pescador* (1876) de Inglês de Sousa. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

supor que Fabrício detinha direitos quase irrestritos sobre os seus escravos e trabalhadores, que padeciam de completo desamparo legal.

Chauí (2017, p. 211) menciona que mesmo que o princípio jurídico previsse democracia e direitos a todos os homens livres, os monarcas eram “forçados a convocar os estamentos e a “ordem” (nobreza, clero e burguesia)” para o estabelecimento de políticas fiscais favoráveis a estas classes e desfavoráveis a todo o restante. Segundo Chauí, detinham todo o poder nobres, religiosos e burgueses, em um sistema de apadrinhamento pelo Estado, em um contexto no qual “para os grandes, a lei é privilégio; para as camadas populares, repressão” (CHAUÍ, 2017, p. 219). O médico peruano dá continuidade em sua fala e explica exatamente essa situação que, segundo o mesmo, não ocorreria somente na região amazônica, mas em todo o Império:

No Amazonas, meu caro amigo, há duas espécies de homens. Os que mandam, que são os capitães, tenentes-coronéis, subdelegados e até inspetores de quartelão, e os que são mandados, a população pobre e trabalhadora. *São estes últimos que gastam a força de um trabalho insano, são eles que fazem o pouco que vale o Amazonas; quanto à recompensa que recebem, o amigo tem um exemplo dela no desgraçado que caridosamente acolheu. O governo é o primeiro interessado em que dure a ordem destas coisas. Será o mesmo nas outras províncias do Império? Não sei dizer porque nunca fui senão até à capitã do Maranhão onde estive pouco tempo, mas é de crer que em todas elas, pelo menos no interior, aconteça a mesma coisa* (HUP, p. 195, ênfase minha).

O primeiro trecho destacado também revela o que na prática os tapuios eram responsáveis em grande medida pelo trabalho e arrecadação de recursos, naturais e financeiros, na região. Por outro lado, os brancos como Fabrício apenas se beneficiavam do trabalho tapuio e atribuíam ainda a estes aspectos degradantes, como de preguiça e desinteresse. O discurso do médico peruano assevera que, em troca de todo o esforço, os tapuios eram duramente violentados, assim como José, que se encontrava em uma situação de risco por conta dos abusos sofridos por Fabrício.

Com o passar dos dias, para a surpresa de todos e graças aos cuidados do médico Juan Benevides, José aos poucos vai retomando sua consciência. As dúvidas pairam sob a cabeça de José, que, desorientado, exige informações sobre sua mãe. Devido ao estado delicado em que José se encontrava, a sobrevivência de Benedita é garantida pelos presentes no sítio de Gonçalo Bastos, além de afirmarem que Joanhina estava longe do alcance de Fabrício, apenas aguardando o momento certo para encontrá-lo.

Todos aguardam a melhora de José para dar-lhe a triste notícia de que sua mãe faleceu e de que de nada havia adiantado o sacrifício empenhado por José e sua mãe, pois Joanhina continuava nos domínios de Fabrício. Assim que José começou a dar sinais mais concretos de melhoras, o vigário

Samuel é informado sobre seu paradeiro e aparece na fazenda de Gonçalves Bastos para ver como estava o jovem tapuio, com quem tinha proximidade desde que José era pequeno.

Diante das inquietações de José, Samuel afirma que tanto Joaquina quanto Benedita estavam em local seguro e insiste em levar José de volta a Alenquer, pois acreditava que ali nas terras de Gonçalves, tão próximo do local do conflito, onde muitas pessoas já sabiam que Benedita estava morta e Joaquina estava nas mãos de Fabrício, José estaria mais propenso a conhecer a verdade sobre a sua mãe e sua noiva, o que poderia ter consequências graves na sua recuperação.

Em Alenquer, José se encontrava muito inquieto, pensando em Joaquina e em todo o desespero que foi a tentativa de resgate. Por mais que tenha acreditado que havia sido levado a Alenquer para reestabelecer sua saúde, não se convenciu completamente de que tudo havia ocorrido bem. Padre Samuel tentava a todo custo convencer o jovem tapuio a mudar completamente de planos e de vida, mas todas as tentativas não surtem efeitos e José só pensa em voltar ao Retiro e realizar seu sonho de “Viver tranqüilamente da pesca com minha família” (HUP, p. 204).

Entretanto, as tentativas de poupar o tapuio de toda a verdade e sofrimento que estavam por trás do episódio do rapto de Joaquina acabam falhando. Por acaso, em Alenquer, na casa de padre Samuel onde o tapuio estava hospedado, José descobre toda a verdade a respeito do que aconteceu na noite em que tentou resgatar Joaquina.

Após ouvir uma conversa entre um amigo do vigário que o visitava e comentava sobre o ocorrido com Joaquina e Benedita, José descobre que sua mãe está morta e que Joaquina estava morando agora na fazenda de Fabrício, com quem mantinha agora um relacionamento. José é possuído por uma raiva e indignação que o impedem de permanecer ali e resolve retornar ao seu lar, sem que o vigário percebesse. Nesta parte final da obra nos deparamos com o dúbio motivo que fez com que Joaquina permanecesse com Fabrício.

Evidentemente há o fato de que Joaquina achava que José havia morrido afogado na tentativa de salvá-la, mas a obra menciona, de maneira até pejorativa e generalizante, que “A mameluca, mistura do caboclo e do branco, participava naturalmente, e na maior parte, da índole duvidosa e inchada do tapuio [...]” (HUP, p. 212), o que nos induz a crer que Joaquina escolheu ficar com Fabrício também porque lhe convinha, e isso lhe traria mais conforto do que com José.

Nada disso se confirma, pois o próprio narrador menciona que Joaquina se pegava frequentemente pensando em José, e chorava pensando no que teria vivido se o tapuio tivesse sobrevivido (já que, para ela, ele havia morrido), além de que a “prisoneira” “nada disso fazia por maldade” (HUP, p. 212).

José, ao chegar à propriedade de Fabrício de canoa, aproxima-se de uma de suas escravas para solicitar a presença de Joaquina. Uma vez que Fabrício dormia, Joaquina consegue se aproximar de José pela plantação de cacau, tomada de grande surpresa por saber que José estava vivo, ficando “lívida, imóvel”. José pergunta a Joaquina o que ocorria de fato entre ela e Fabrício e só encontra palavras rasas, olhares dispersos. Cansado, José ameaça ir atrás de Fabrício para que o mesmo liberte Joaquina de seu domínio, e neste momento Joaquina implora: “Pois então, José, não vá, porque não é preciso. Eu estou aqui por minha vontade.” (HUP, p. 217).

É diante das palavras de Joaquina que José adquire impulso para tomar uma atitude completamente surpreendente, e que acrescenta um final inesperado, pois José corre em direção à casa de Fabrício e atira no dono da fazenda, no baixo ventre, que se segura com dificuldades antes de cair no chão, implorando que José seja preso.

O livro termina, e não sabemos ao certo se Fabrício morre ou não, menos ainda do destino de José ou Joaquina, apenas sabemos que a reação do tapuio foi tranquila diante do acontecido, como se ele fosse intocável naquele momento: “José fitava-o, de pé no meio do terreiro, com os braços cruzados sobre o cano da espingarda os escravos e agregados do capitão faziam um grande círculo em torno dele, e nenhum se atrevia a aproximar-se.” (HUP, p. 217).

A atitude de José surpreende porque não corresponde à expectativa imposta pela condição subalterna que o jovem ocupava. José prova que o contrário pode também ocorrer ao se rejeitar desde o começo a aceitar as imposições de Fabrício, que representa na obra uma força muito destruidora e opressora, a da classe branca dominadora que tinha relações próximas com as instituições de poder estatal; enquanto que ele, mestiço, não era amparado por nenhum setor e teria como futuro apenas a miséria e a submissão. José persistiu até o final, ainda que as circunstâncias propiciassem atitudes drásticas.

José foge da expectativa que havia sobre sua existência, e isso faz com que esta obra em particular não se enquadre perfeitamente nos preceitos naturalistas/realistas, uma vez que, segundo Bosi (2013), esse movimento literário é caracterizado pelo fatalismo, conformismo e aceitação do destino miserável inato à condição humana³. Ainda segundo este autor, as manifestações de resistência na literatura podem ser evidenciadas através do rompimento das expectativas impostas aos

³ É digno de recordação que as duas primeiras obras de Inglês de Sousa (*História de um pescador* e *O cacaulista*, ambas de 1876) são consideradas uma transição entre o Romantismo e o Realismo/Naturalismo. Apenas em *O Coronel Sangrado* (1877) se considera que o autor tenha feita uma transição completa ao Realismo/naturalismo, fundando assim o movimento na nossa literatura.

RODRIGUES, Ronaldo Júnior Pantoja. A resistência no personagem José em *História de um pescador* (1876) de Inglês de Sousa. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

personagens literários: “o vazio, negatividade grávida de um novo estado de ser, é a consciência jamais preenchida pelo discurso especular das convenções ditas realistas” (BOSI, 1992, p. 27).

Ainda que *História de um pescador* não tenha representado um grande marco na literatura brasileira na época em que foi lançado, a obra e seu desfecho representam um grande marco na literatura amazônica, pois a rebeldia e o inconformismo de José materializam o grande desapego com o ideal esperado de um nativo amazônico deveria ter, o de submisso ou irracional, características com as quais indígenas e tapuios eram representados até então. José, em *História de um pescador*, representa o início de uma mudança na maneira como o autóctone amazônico é representado na literatura amazônica. Além de ser protagonista, trata-se de um tapuio descrito como herói, como valente e destemido, um capítulo inédito na nossa literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que é em Inglês de Sousa, no século XIX, que as representações dos nativos da Amazônia ganham novos rumos. Desta vez, entretanto, não se trata mais do indígena e sim do tapuio, seu descendente, que é produto de mestiçagem ou distanciamento das suas origens indígenas.

Na obra do escritor paraense, *História de um pescador*, foi possível concluir que, apesar da estrutura de dominação herdada do processo de colonização, ainda oprimir e hostilizar indivíduos como os tapuios, o protagonista da obra, José, é representado com características heroicas que envolviam coragem e destemidez, o que diverge das descrições dos indígenas nas crônicas de colonização.

José não se conforma com a condição subalterna imposta pelo sistema senhorial vigente no século XIX, no qual indivíduos como os tapuios e os negros eram explorados pelos grandes proprietários de terras que, por sua vez, eram autorizados pelos poderes do Estado a impor regimes de escravidão ou semiescravidão aos seres das camadas mais baixas da sociedade.

Por outro lado, observamos que a mestiçagem na América Latina se deu por meio de intenções de branqueamento, processo que despõe e desgarra o indígena e o negro de suas raízes em condições violentas. Na obra, entretanto, o que concluimos é que as relações de poder se manifestam dentro da narrativa analisada, na qual os personagens tapuios, mestiços, são controlados e explorados pelos donos de terras do Baixo Amazonas, mas um destes personagens, José, rompe a lógica de dominação e se resigna a aceitar a sua mazela.

Este aspecto se evidencia quando a obra culmina no sequestro da noiva de José a mando do capitão Fabrício, o branco, que era o patrão de José. Farto de ter sua vida inteira controlada pelo RODRIGUES, Ronaldo Júnior Pantoja. A resistência no personagem José em *História de um pescador* (1876) de Inglês de Sousa. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

capitão, que havia tomado sua liberdade, sua noiva e sua dignidade, José entra nas terras de Fabrício e dispara um tiro que o atinge no ventre. A postura inconformista de José também agrega ao contexto literário amazônico um protagonismo tapuio/nativo que destoa das expectativas que existem sobre estes povos subalternos e historicamente dominados pelos poderes coloniais, imperiais e oligárquicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Narrativa e resistência. In.: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 118-135, 2002.

CHAUÍ, Marilena. 2ª Ed. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In.: *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil. Volume IV. Era realista. Era de transição*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio editora. 1986.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira*. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973. 3ª edição.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. Volume II. Realismo e simbolismo*. São Paulo: Cultrix. 5ª Edição. 2001.

SOUSA, Inglês de. *História de um pescador*. Belém: EDUFPA, 2ª ed., 2007.